

(po)éticas das águas¹

lucas lins (FURG/Brasil)²

resumo: pensando no(s) contexto(s) de crise(s) do Mundo como o conhecemos, parto da Oceanografia enquanto um campo de práticas fundamentadas e circunscritas a uma performatividade da (suposta) neutralidade do conhecimento científico que, fixada aos pilares onto-epistemológicos da Modernidade – fortalecidos por estruturas e aparatos bélico-militares nos contextos de guerras – e a uma ética cisheterogenerificada, (re)produz e faz (re)produzir discursos e condutas que autorizam, perpetuam, e fortalecem estruturas colonizadas e colonizadoras do Mundo Ordenado no campo das águas – especialmente (mas não só) no âmbito acadêmico-profissional –, immanentemente silenciando outras (possíveis) narrativas. a partir da quebra (tanto em termos onto-epistemológicos quanto lingüísticos e/ou metafóricos) como espaço e rota de fuga dos mecanismos de captura, busco, com base na composição de um (sempre fluido) arquivo oceânico, mergulhar ativamente rumo às memórias aquáticas que operam, na superfície, como fácies do evento moderno-colonial fundamentado na repetição das configurações fractais da violência capital racial, mas que, aqueles em profundezas, subsistem como formas tentaculares (cthulhucênicas) de memórias naufragadas que, submergidas (como violência, ou como fuga), propagam-se (como trauma) na con/seqüência das ondas (de esteira) da escravização, inscrita historicamente entre os séculos XVI ao XIX. trabalhando a partir de um exercício (po)ético junto à metodologia da iluminação por luz negra (que permite aos objetos-sujeitos que brilhem por si próprios), busco (re)pensar prosas (sempre-já existentes) entre as Ciências do Mar e as Sociais e Humanas, especulando e investigando – na mesma medida em que busco aberturas (rasgáveis) da/na matriz de dominação – a respeito de outra(s) possibilidade(s), em relação profundamente implicada nos/com os ambientes aquáticos, costeiros, oceânicos, (re)direcionando o fluxo das águas para outros caminhos (possíveis e possantes) para além dos sistemas de exploração, exploração, expropriação, e des-envolvimento em hipnose da linearidade moderno-colonial.

¹ trabalho apresentado na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

² bacharel em Oceanologia pela Universidade Federal do Rio Grande; carneebatatas@hotmail.com.

palavras-chave: onto-epistemologias dissidentes; oceanologia do mundo implicado; estéticas oceânicas.

0³

freárik:

se corria um rio y chamava memória,
enterrou na história: agora
só passa concreto
aqui
tatiana nascimento

desde antes do século XXI, vivemos em um alardeamento (constante) de crises: crise climática, econômica, social, da fome, de emprego, de algoritmos, crise pandêmica... muitas crises que, em uníssono, formam um cenário fundado na mesma crise de configuração onto-epistemológica de relação no/com o Mundo. crise estrutural da modernidade. crise de imaginação política. crise ética.

enquanto configuração de Mundo, o regime instaurado pelo Sistema Mundo Moderno-Colonial (Porto-Gonçalves & Quental, 2012) se erigiu – e permanece sustentado – por o que a socióloga e antropóloga carioca radicada no Canadá Denise Ferreira da Silva denominou pilares onto-epistemológicos da Modernidade, isto é, bases fundamentais que sustentam os modos de ver e entender o mundo de modo imbricado com os modos de se entender o próprio sujeito conhecedor do mundo.

para a autora, portanto, a *separabilidade*, a *determinabilidade*, e a *seqüencialidade* funcionam, simplificada, de modo a: separar as formas conhecíveis em categorias de entendimento – relegando à inacessibilidade e irrelevância tudo aquilo que não se enquadre nas determinadas categorias –; determinar a verdade absoluta e universal dos objetos da natureza; e inscrever o percurso histórico desse entendimento em uma forma processual autodesenvolvida, instaurando uma *flecha do tempo* de momentos e movimentos de desenvolvimento cultural dos povos (em que o sujeito europeu pós-iluminista ocupa lugar privilegiado) (Ferreira da Silva, 2016). em outras palavras, os pilares onto-epistemológicos da Modernidade, enquanto projeto de Mundo, instauram uma Linguagem (também normativa) que, confundida com uma conduta ética, passa à sua potência poética – ou, como assinalam Denise e Valentina Desideri (2016), (po)ética – na criação/instauração de um Mundo, um que, imaginado

³ como reflexo de um projeto político-lingüístico (à semelhança com os de tatiana nascimento, bell hooks, e Audre Lorde), este texto (e esta autoria) se grafa primariamente em minúsculas, assim como segue em desacordo ao tratado internacional da Língua Portuguesa de 1990.

pouco a pouco, passa a ser cimentado (Mombaça, 2021) por uma narrativa única (Adichie, 2019).

mas para toda enunciação, como afirma a lingüista Eni Orlandi (2011), algo não apenas deixa de ser dito, mas é, também silenciado. e no silenciamento de outros mundos, o Mundo Moderno/Colonial se erige e se sustenta, amparado por suas ferramentas coloniais de autorização e hierarquização de discursos em detrimento de outros.

por isso, operando uma corruptela do conceito das *memórias subterrâneas* do sociólogo Michel Pollak (1989), quero falar aqui (nessa pesquisa que, ao contrário do usual ferramentário, é de corpo mergulhado) das *memórias submersas* ou *afundadas*, tanto como esse movimento violento que replica a brutalidade sobre as vidas-feitas-refém ceifadas das embarcações coloniais na rota de escravização, mas também, na estratégia de fuga de uma vida de abusos, que mergulharam rumo à zona afótica, longe do que é atingido pela *luz* do Mundo Moderno-Colonial instaurado pelo projeto Iluminista.

partindo de um arquivo colonial sintomaticamente preenchido por lacunas (Hartman, 2020), busco outras rotas, outras vozes na formação acadêmico-profissional oceanográfica, informadas pela pergunta *com o sangue de quem foram feitos meus olhos?*, proferida pela filósofa e zoóloga Donna Haraway (1995), assim como pela proposição da escritora e acadêmica Christina Sharpe (2016) sobre a permanência elementar, no tempo de residência do ciclo biogeoquímico nas massas de água em circulação oceânica, do sódio presente no sangue das vidas-feitas-refém que foram jogadas ou se jogaram no vasto oceano. busco (me) questionar: o que fica silenciado (ou sussurrado) na memória oceânica?

-1

enquanto ferramenta do discurso (que é, também, práxis) moderno-europeu, a Oceanografia (por vezes grafada Oceanologia, sem apresentar, porém, qualquer diferença na prática acadêmico-profissional) funciona como um mecanismo de autorização e hierarquização de discursos específicos do fazer científico no ambiente aquático, predominantemente marítimo, frente aos outros modos, saberes e cosmologias (ribeirinhos, indígenas, quilombolas etc.) em relação com as águas. fundamentada pela autodeterminada neutralidade do discurso científico – advindo de um apartamento do corpo/sujeito frente ao seu objeto –, o ferramentário de cognição do universo aquático,

na formação acadêmico-profissional, se realiza de modo a produzir, reproduzir e ensinar a reproduzir (e, também, produzir) discursos que reatualizem as engrenagens do entendimento do Mundo-como-máquina, tornando os oceanos, portanto, muito pouco além de um *espaço líquido*, ou ainda *aqua nullius* (DeLoughrey, 2010), que, tal como *terra nullis*, foi/é um dogma das cartografias coloniais de invasão e tomada de terras (águas) “sem dono”. ou, passando uma borracha, empreender a preencher o “branco” do mapa, como delinea o filósofo e escritor Dénètem Touam Bona (2020).

nessa performatividade (Butler, 2015) que passa de turma a turma, formação a formação, um determinado tipo de “mundo” oceanográfico é cimentado (Mombaça, 2021), bloco a bloco de conhecimento, seja em suas autodeterminadas – e, em realidade, parcas – interdisciplinaridades (Floriano dos Santos et al., 2019), seja em suas áreas (ou pilares) clássicas – as Oceanografias Biológica, Geológica, Física, e Química (Costa-Fredo & Ferreira, 2019) –, reforçando ainda mais a ilusão da neutralidade advinda da descorporificação do sujeito da Ciência (Lander, 2005; Ferreira da Silva, 2016; 2019a) em diferenciação e isolamento das Ciências Sociais e Humanas, estabelecendo-se enquanto peça das Ciências Duras e Exatas, ou da Natureza, produtora de dados confiáveis, universais e perenes.

como aponta o oceanógrafo e cientista ambiental Gustavo Moura (2019), a Oceanografia, porém, nunca esteve apartada dos discursos e práticas correntes nas Ciências Humanas: essa conversa foi sempre-já existente e, mais ainda, como afirma a socióloga Renisa Mawani,

[as] embarcações[,] como formas de transporte, [foram] inovações tecnológicas centrais para as aspirações do homem [e]uropeu de conquistar a natureza e controlar as terras, mares, e recursos do planeta, e como formas jurídicas[,] (...) foram vitais para as disputas sobre uma ordem jurídica internacional. (...) [a]o hachurar os oceanos, as embarcações alteraram os mares e se tornaram profundamente implicados na destruição planetária. [e]ntretanto, as embarcações muitas vezes passam despercebidas em discussões sobre catástrofes climáticas, exceto no caso de derramamentos de óleo e acidentes marítimos. [n]a superfície, os oceanos podem parecer apagar os rastros legais e ambientais das embarcações moventes, mas o mar continua a testemunhar a violência imperial, colonial, e racial como arquivos e fontes de uma memória histórica⁴ (2022, p. 17, tradução minha).

⁴ “...ships[,] as forms of transport, [were] technological innovations that were central to [e]uropean man’s aspirations to conquer nature and control the planet’s lands, seas, and resources, and as juridical forms[,] (...) have been vital to contests over an international legal order. (...) [b]y crisscrossing oceans, ships have altered the seas and are deeply implicated in planetary destruction. [y]et, ships often go unremarked in discussions of climate catastrophe, except in the case of oil spills and marine accidents. [a]t the surface, oceans may appear to erase the legal and environmental tracks of moving ships but the sea continues to bear witness to imperial, colonial, and racial violence as archives and sources of historical memory” (Mawani, 2022, p. 17).

a Oceanografia, enquanto campo teórico-metodológico, também replica, em si, pilares particulares que fundamentam seu exercício. de acordo com Gustavo (2019), o *Oceanocentrismo*, a *Tragédia dos oceanos*, e a *Monocultura dos mares*⁵ operam por estabelecer uma centralidade exclusiva-totalitária na figura da Oceanografia enquanto ferramenta mais adequada à operacionalização de quaisquer atividades no ambiente oceânico (e) sobre os “recursos” marinhos.

nesse sentido, cabe pensar como se ensina e se aprende a replicação determinados códigos éticos e estéticos que, em uma repetição fractal (isto é, imbricada em si mesma), permanece a configurar e, propriamente, constituir o Mundo tal como nos foi dado a conhecer (Ferreira da Silva, 2019a). para o filósofo e ativista LGBTQIA+ espanhol Paco Vidarte (2019), portanto,

[n]ossos códigos de valores, nossas pautas de conduta, tudo o que fazemos e pensamos, querendo ou não, sempre medimos à luz de abordagens e propostas éticas [cis]heteronormativas, procedentes de âmbitos tão homofóbicos como a Igreja, a religião, a [F]ilosofia, a [E]scola, a [U]niversidade, a política, os partidos, a cultura, o cinema e todos os discursos morais que as instituições proclamam aos quatro ventos para impregnar pouco a pouco as pessoas massivamente e desde pequenininhas (p. 19-20),

o que torna importante que, em busca de um “desvio de rota” da crise, busquemos exercer nossas pesquisas e práticas em uma politicamente demarcada dissidência, já que “[t]odas as éticas universalistas, feitas para todo mundo, acabaram nos massacrando, nos discriminando, nos prejudicando[, uma vez que,] [q]uando alguém fala em nome de uma ética universal, uma ética para a humanidade, pode ter certeza que será contra nós” (2019, p. 21).

se vivenciamos um Tempo e habitamos um Espaço em que a crise de imaginação (Dilacerda, 2021) reina sobre nosso imaginário coletivo a partir de um realismo científico, é preciso que rompamos com a fractalidade da violência capital racial constituinte e fomentadora própria deste Mundo (Ferreira da Silva, 2016; 2019a) e enxerguemos como as ondas de esteira deixadas pelas embarcações sobre a superfície oceânica apontam, como assinala Christina Sharpe em seu livro *In the wake: on*

⁵ enquanto o *Oceanocentrismo* faz alusão, no campo, ao biocentrismo da perspectiva preservacionista do socioambientalismo, a *Tragédia dos oceanos* faz menção à Tragédia dos comuns, em que se visualiza o estado presente das coisas como um “estado normal” dos “recursos naturais”, que, assim, devem ser preservados. ainda, a *Monocultura dos mares*, segundo o autor, estabelece uma localização epistêmica exclusiva-totalitária aos saberes científicos oceanográficos frente aos outros modos de conhecer dos espaços oceânicos (Moura, 2019).

Blackness and being (2016), a mais significados para além do que vemos⁶ superficialmente na linguagem rasa de uma língua-de-espuma⁷ (Orlandi, 2011).

-2

em um dos muitos começos de *A Map to the Door of No Return*⁸, a escritora caribenho-canadense Dionne Brand expressa que “[á]gua é a primeira coisa em minha imaginação. [n]o alcance dos olhos (...), eu sabia que ainda havia mais água. [t]udo começando em água, tudo terminando em água. [á]gua turquesa, água-marinha, verde escura, azul escura, azul marinha, naval, pretazul cerúlea”⁹ (2001, p. 11, tradução minha). como uma re/de/composição de suas memórias diaspóricas, Dionne tenta re/des/montar um quadro de entendimento de suas origens, para além de uma árvore genealógica, mas como um movimento contrário à *Árvore do Esquecimento*¹⁰, contrário à *Porta do Não Retorno*¹¹, contrário ao projeto colonizador de obliteração da memória.

para Denise (2017; 2019b), a *luz negra*, enquanto metodologia, tenta exercer essa mesma prática: na iluminação por uma luz que não é a mesma *luz branca* do projeto colonial; que deixa o objeto-sujeito brilhar em sua própria luz, deixando “a matéria (...) disponível a interpretações poéticas, ao tipo de re/de/composição que não mobiliza os pilares onto-epistemológicos do pensamento moderno” (2019b, p. 47-48). iluminar um objeto não como iluminar um objeto pelos modos convencionais, mas

⁶ no inglês, as ondas de esteira são denominadas por *wake*, palavra que traz os sentidos múltiplos abordados por Christina, mas que, de alguma forma, se perdem na denominação em português brasileiro. poderíamos, então, entendê-las como *ondas de esteira* (causadas pela turbulência ativa sobre a superfície oceânica), como *vigília* (lamentar nossas mortas), como *despertar* (acordar, tanto fisiologicamente quanto figurativamente, isto é, o despertar da consciência).

⁷ “uma língua ‘vazia’, prática, de uso imediato, em que os sentidos não ecoam (...)[,] batem forte mas não se expandem, em que não há ressonâncias, não há desdobramentos (...), os sentidos se calam (...)[,] são absorvidos e não produzem repercussões. (...) [uma língua que] trabalha o poder de silenciar” (Orlandi, 2011, p. 99).

⁸ a edição brasileira, “Um mapa para a porta do não retorno”, com tradução de Jess Oliveira e floresta, encontra-se no prelo pela editora A Bolha.

⁹ “[w]ater is the first thing in my imagination. [o]ver the reaches of the eyes (...), [i] knew that there was still more water. [a]ll beginning in water, all ending in water. [t]urquoise, aquamarine, deep green, deep blue, ink blue, navy, blue-black cerulean water” (Brand, 2001, p. 11).

¹⁰ como descrevem Rodrigo Moreira e Emerson Pereti (2020, p. 284), “a ‘Árvore do Esquecimento’ [é um] monumento erigido na costa do Benin, no local onde se situava a árvore, ao redor da qual os escravizados eram forçados a dar voltas antes de embarcar nos navios negreiros, para que assim apagassem suas memórias de seu povo e de suas divindades e com isso infringissem menos dor e castigo divino aos que ficavam. [a]qui, a árvore do esquecimento é entendida também como símbolo das forças que historicamente tem se empenhado em ‘branquear’ ou apagar definitivamente as culturas de matriz africana em solo brasileiro”.

¹¹ uma metáfora, mas também um monumento (físico) construído no Benim como representação memorialística de não-lugar existente no imaginário cultural do último local pisado pelas pessoas seqüestradas antes do embarque nos navios de escravização.

como deixar que, pela luz negra, esse outro-que-não-eu, outro-que-não-nós, brilhe por uma configuração relacional, uma *responsividade e responsabilidade em afetabilidade*, relação-que-também-eu, relação-que-também-nós. em imbricação.

nessa *quebra* (onto-epistemológica, teórico-metodológica, prática) (Mombaça, 2021), no silêncio, resta ouvir o que não permanece calado, as vozes e perspectivas afro-diaspóricas e ameríndias que sempre estiveram aqui e continuam a falar, a lutar, a resistir, em sua ressonância neológica *re-existir*, como formas tentaculares que habitam os fundos oceanos (Evaristo, 2021) em um Cthuluceno, isto é,

um termo proposto, meio a sério, meio de brincadeira (...) como uma maneira de complementar e desafiar o que está se tornando a narrativa vigente das mudanças climáticas: o Antropoceno. [o] Antropoceno – ou o Capitaloceno, nomenclatura que explicitaria com mais clareza os responsáveis pela destruição em curso – se situaria após o Holoceno, época que teria iniciado mais ou menos 12 mil anos atrás, ao fim da última era do gelo. [o] Chthuluceno, por outro lado, está relacionado ao longo e ininterrupto trabalho das agências tentaculares que constituem a Terra material e imagetivamente. [i]sto é, trata-se dos fungos fixando nitrogênio ao solo, dos fitoplânctons produzindo oxigênio, das bactérias que abundam em todo ser multicelular, desempenhando as mais diversas funções; também se trata de deusas e criaturas anciãs como a Cobra Grande dos ameríndios do [n]orte e [n]ordeste do Brasil, a Pachamama andina e a Gaia grega. [o] que está em jogo no Chthuluceno, em seu mais profundo passado, em nosso presente e em um futuro por construir, é a capacidade de prestar atenção e dar significado a esses processos ctônicos (do grego khthónios, subterrâneo) (Machado & Silva e Silva, 2019).

o que pergunto – e, também, *me* pergunto (por conta dessa minha formação *dura* em assuntos oceânicos) – é sobre como escutar essas outras vozes, mas sem cair na armadilha colonial da plantação cognitiva que, como aponta a artista e pensadora natalense radicada em Portugal Jota (Mombaça, 2020), ainda, rouba para si o(s) discurso(s) mas não a práxis decolonial. como escutar sem fractalizar violentamente?

como enuncia tatiana nascimento na poema¹² com a qual escolhi abrir esse texto, resta rumar a fluxos de mundos não soterrados ou cimentados, mas que, na imaginação, fabriquem e (po)etizem outras possibilidades *freátiks*.

bibliografia

Adichie, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. Tradução: Juliana Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

Brand, Dionne. **A Map to the Door of No Return: Notes to Belonging**. Toronto: Vintage Canada, 2001.

¹² assim como Nina Rizzi (2020), escolho enunciar a sujeita poema no feminino.

- Butler, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade**. 8ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- Bona, Dénètem Touam. **Cosmopoéticas do refúgio**. Tradução: Milena P. Duchiaide. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2020.
- Costa-Fredo, Gisele; Ferreira, Washington. Onde a Educação Ambiental e a Oceanografia se (Des)Encontram?. **Revista Ambiente & Educação**, Rio Grande, 24 (2): 139-161, 2019.
- DeLoughrey, Elizabeth. Heavy waters: waste and Atlantic Modernity. **Publications of the Modern Language Association of America**. Baltimore, 125 (3): 703-712, 2010.
- Dilacerda, Lucas. Como imaginar o inimaginável? In: Dilacerda, Lucas. Lopes, Rodrigo. (Orgs.). **Imaginação e Memória na Arte Contemporânea**. Fortaleza: IDM, p. 19-27, 2021.
- Evaristo, Conceição. Recordar é preciso. In: Evaristo, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Rio de Janeiro: Malê, p. 11, 2021.
- Ferreira da Silva, Denise. Sobre Diferença sem Separabilidade. In: Volz, Jochen; Rebouças, Júlia (Orgs.). **32ª Bienal de São Paulo: Incerteza Viva** (Catálogo). São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, p. 57-65, 2016.
- Ferreira da Silva, Denise. Blacklight. In: Molloy, Clare; Pirotte, Philippe; Schöneich, Fabian (Orgs.). **Otobong Nkanga: Luster and Lucre**. Berlim: Sternberg Press, p. 245-252, 2017.
- Ferreira da Silva, Denise. **A dívida impagável**. Tradução: Amilcar Packer, Pedro Daher. São Paulo: Oficina de Imaginação Política, Living Commons, 2019a.
- Ferreira da Silva, Denise. Em estado bruto. Tradução: Janaína Nagata Otoch. **Revista Ars**, São Paulo, 17 (36): 45-56, 2019b.
- Ferreira da Silva, Denise; Desideri, Valentina. Leituras (Po)éticas. **Cadernos de Subjetividade**, São Paulo, (19): 61-70, 2016.
- Floriano dos Santos, Caio; Martins, Mariana Santos Lobato; Mascarello, Marcela de Avellar. Oceanografia Socioambiental: o que queremos com isso?. **Revista Ambiente & Educação**, Rio Grande, 24 (2): 41-67, 2019.
- Haraway, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, Campinas, (5): 7-41, 1995.
- Hartman, Saidiya. Vênus em dois atos. **Revista ECO-Pós**, Rio de Janeiro, 23 (3): 12-33, 2020.
- Lander, Edgardo. Ciências sociais: saberes coloniais e eurocêntricos. In: Lander, Edgardo (Org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais -**

Perspectivas latino-americanas. Coleção Sur Sur. Buenos Aires: CLACSO, p. 8-23, 2005.

Machado, Ricardo; Silva e Silva, Fernando. Uma vida no Chthuluceno. **Revista do Instituto Humanitas Unisinos**, São Leopoldo, 543, 2019. Disponível em: <http://ihuonline.unisinos.br/artigo/7692-uma-vida-no-chthuluceno>. Acesso em: 04 fev. 2022.

Mawani, Renisa. Oceans as Method: Law, Violence, and Climate Catastrophe. In: **The Funambulist: Politics of Space and Bodies**, Paris, (39): 16-19, 2022.

Mombaça, Jota. **A plantação cognitiva**. Arte e Descolonização, #9. São Paulo, MASP, Afterall Research Center of University of the Arts London, 2020.

Mombaça, Jota. **Não vão nos matar agora**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

Moreira, Rodrigo Birck; Pereti, Emerson. A Árvore do Esquecimento e as tentativas de destruição da memória afrodiaspórica. **Revista UNIABEU**, Belford Roxo, 13 (33): 284-297, 2020.

Moura, Gustavo Goulart Moreira. Construção da crítica à Oceanografia Clássica: contribuições a partir da Oceanografia Socioambiental. **Revista Ambiente & Educação**, Rio Grande, 24 (2): 13-41, 2019.

nascimento, tatiana. freátik. In: nascimento, tatiana. **lundu**, 2ª edição. Brasília: padê editorial, 2018.

Orlandi, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 6ª edição, 2ª reimpressão. Campinas: Unicamp, 2011.

Pollak, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, 2 (3): 3-15, 1989.

Porto-Gonçalves, Carlos Walter; Quental, Pedro de Araújo. Colonialidade do poder e os desafios da integração regional na América Latina. **Polis**, Santiago, 11 (31): 295-332, 2012.

Rizzi, Nina. A poema, caminho para alcançar a própria voz e tantas outras. **Suplemento Pernambuco**, [online], 2020. Disponível em: <http://tinyurl.com/poemarizzi>. Acesso em: 08 fev. 2022

Sharpe, Christina. **In the wake: on blackness and being**. Durham: Duke University, 2016.

Vidarte, Paco. **Ética bixa: Proclamações libertárias para uma militância LGBTQ**. Tradução: Pablo Cardellino Soto, Maria Selenir Nunes dos Santos. 1ª edição. São Paulo: n-1, 2019.